

MULHERES E ARTESANATO: UM 'OFÍCIO FEMININO' NO POVOADO DO BICHINHO/PRADOS-MG

WOMEN AND CRAFTS: A 'FEMININE ROLE' ON THE VILLAGE OF BICHINHO/PRADOS-MG

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v17n1p141-152

Resumo

Este artigo inscreve-se na temática dos estudos culturais latino-americanos e trata a questão da mulher artesã no cenário da cultura material local. Buscaremos refletir acerca do trabalho feminino e o fazer artesanal frente à ambivalência da cultura ocidental. Mais especificamente, no cenário brasileiro onde se constrói historicamente o ofício de artesão como atividade feminina atrelado a conceitos socioculturais ambíguos de diferenciação valorativa: manual e intelectual; homem e mulher. É analisada aqui a experiência das artesãs do povoado do Bichinho/Prados-MG, buscando entender a trajetória e o significado que dão ao ofício a partir do cotidiano.

Palavras-chave: Estudos Culturais Latino-Americanos. Mulher. Artesanato. Trabalho Feminino.

Abstract

This article inserts itself in the Latin American cultural studies, discussing the artisan woman immerse in her local cultural scenario. We discuss feminine work and the process of handicraft making through the ambivalent lenses of occidental culture. More specifically, in the Brazilian scenery, where the craftwork as an occupation has historically been a feminine activity, we identify ambiguous sociocultural conceptions of value differentiation both in terms of manual and intellectual work, men's and women's activities. We focus on the experience of some women artisans of Bichinho/Prados-MG, trying to understand the trajectory and the meaning they give to their trade through the lenses of daily life.

Keywords: Latin-Americans Cultural Studies. Woman. Craft. Feminine work.

Vera Lucia Barbosa

Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social do Programa EICOS - IP. UFRJ.

E-mail: veraermida@yahoo.com.br.

Maria Inácia D'Ávila

Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

E-mail: inadavila@gmail.com.

O artesanato está presente na vida do homem, e da mulher, desde os primeiros tempos na produção de objetos de uso para sobrevivência e ornamento. O artefato e sua elaboração inserem-se na cultura material, entendida aqui no sentido de que os objetos são dignos de consideração por si mesmos, sendo seu processo de feitura capaz de revelar muito sobre quem o faz. Deste modo, Sennett (2012) amplia a reflexão acerca da cultura material para além da concepção de que a feitura dos objetos físicos reflete, tão somente, as normas sociais, interesses econômicos, convicções religiosas e são capazes de contar e explicar a própria história da humanidade. Assim, através da cultura material é possível aprender sobre a experiência humana em seu processo de 'fazer coisas', entendido como um impulso básico e permanente ligado ao desejo de realizar um trabalho bem feito. Esta 'habilidade artesanal'¹ associa o fazer manual ao pensamento, ligando mão e cabeça, estabelecendo, ou melhor, restabelecendo uma conexão que a civilização ocidental apartou ainda na Idade Média.

No Brasil colonial, as atividades manuais estiveram relacionadas ao fazer feminino e era onde "obtinham exclusividade quando eram costureiras, doceiras, fiandeiras, criadas, cozinheiras ou lavadeiras, acabando por reproduzir os papéis que lhes eram dados tradicionalmente." (LAGES, 2007: 17).

A mulher artesã, enquanto mulher trabalhadora, lida cotidianamente com esta ideologia de naturalização de 'papéis sociais' sexuados e desiguais.

Essa forma particular da divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem "vale" mais que um trabalho de mulher). Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço. Podem ser aplicados mediante um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista. Esta rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as práticas sociais a "papéis sociais" sexuados que remetem ao destino natural da espécie. (HIRATA, 2007: 599)

1 Para o autor a 'habilidade artesanal' se apresenta com uma conotação mais abrangente que as atribuídas às habilidades manuais. Ela se coloca em todas as atividades da vida cotidiana como capacidade de sustentar um diálogo entre práticas concretas e ideias.

No caso do artesanato a questão da divisão sexual do trabalho se apresenta na característica do ofício, sendo ele 'feminino' uma vez que está atrelado a 'delicadeza' do fazer minucioso, o princípio da separação, e sendo um complemento ao orçamento, o princípio hierárquico.

Observando os números que concernem ao artesanato no Brasil, fica evidente a prevalência feminina neste ofício. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2007 pesquisas revelaram que o Brasil possui mais de 8,5 milhões de artesãos. Desse total, 87% são mulheres.

Para o propósito de refletir acerca da temática de mulheres artesãs, foi escolhido o relato de sete mulheres com trajetórias semelhantes: nasceram, cresceram e vivem na mesma região e trabalham como artesãs. O grupo desenvolve técnicas artesanais diversas: crochê, fuxico, costura, *patchwork*, pintura em madeira, entalhe e papel *máchê*. O local é o povoado² do Bichinho que data do séc. XVIII, possuindo 768 habitantes, segundo dados do IBGE, dos quais cerca de 400 têm o artesanato como atividade principal. Localiza-se no município de Prados – MG.³

Neste contexto, nossa intenção é contribuir para ampliar as reflexões e lançar luzes sobre as especificidades que envolvem este ofício 'feminino'. Buscamos fazê-lo a partir do olhar das próprias artesãs, no sentido de compreender a mulher artesã deste povoado em um cenário contemporâneo de debate acerca da divisão sexual do trabalho, tendo a cultura material local como pano de fundo.

2 De acordo com o IBGE, povoado define-se como uma localidade que tem a característica definidora de Aglomerado Rural Isolado e possui pelo menos 1 (um) estabelecimento comercial de bens de consumo frequente e 2 (dois) dos seguintes serviços ou equipamentos: 1 (um) estabelecimento de ensino de 1º grau em funcionamento regular, 1 (um) posto de saúde com atendimento regular e 1 (um) templo religioso de qualquer credo. Corresponde a um aglomerado sem caráter privado ou empresarial ou que não está vinculado a um único proprietário do solo, cujos moradores exercem atividades econômicas quer primárias, terciárias ou, mesmo secundárias, na própria localidade ou fora dela. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoos/elementos_representacao.html> Acesso em 15 fev. 2014.

3 Os relatos são resultado de entrevistas realizadas em 2013 e fazem parte da pesquisa intitulada: *Mulher e Artesanato: as artesãs do povoado do Bichinho/Prados-MG*.

Cultura Material e Artesanato

Os Estudos Culturais adotam a premissa de que a sua investigação, com base numa postura crítica àquela definição hierárquica de cultura, estabelecida a partir de oposições como cultura “alta” ou “superior” e “baixa” e “inferior”, suscita um novo olhar global sobre a cultura popular.

Na América Latina, a trajetória dos Estudos Culturais apresentam formulações a partir da década de 80 e trazem as marcas da história da colonização, que se traduzem numa preocupação fundamentalmente sociológico-cultural, fortemente marcado pela atenção na base social dos processos culturais. A análise das práticas sociais, experiência do popular, seu espaço e práticas da vida cotidianas, representam uma forte tendência social dos estudos culturais neste continente. (ESCOSTEGUY, 2010).

A perspectiva latino-americana dos Estudos Culturais traz um olhar acerca da apropriação dos bens culturais por parte das camadas populares que consideram o contexto histórico deste continente, reconhecendo o papel constitutivo da cultura e das representações nas relações sociais. Os determinantes socioeconômicos estão presentes nestas construções e favorecem a compreensão de como as culturas populares são o resultado desta apropriação e como esta elaboração se dá no cotidiano no qual se faz presente os conflitos e as contradições.

Partindo da ideia, segundo a qual os aspectos materiais constituem uma porta de entrada para a compreensão da sociedade e que “as coisas modelam e dão solidez às relações sociais e reciprocamente as relações sociais se expressam também através das coisas” (SARTI, 2003: 17), é possível afirmar que os objetos têm uma função importante na definição dos lugares ocupados socialmente.

O significado e a função social dos objetos se apresentam na vida cotidiana como forma de comparação, diferenciação e superação entre os grupos, para expressar individualidade ou afinidade, desempenhando um papel importante na manutenção e no fortalecimento do poder e dos privilégios do grupo dominante da sociedade.

Esta perspectiva favorece a percepção das diferentes dinâmicas sociais através dos aspectos materiais da vida cotidiana, pensando e analisando os objetos não

de forma isolada, mas inseridos nas relações e práticas sociais das quais fazem parte, no sentido de avançar para além da sua descrição, abordando e compreendendo seus significados sociais e simbólicos.

Neste sentido, ainda que uma abordagem acerca das ‘coisas’ necessite estar ligada a ideia de que elas não têm significados a não ser se inseridas nas transações, atribuições e motivações humanas, é preciso compreender a sua circulação no mundo concreto e histórico.

Para isto temos de seguir as coisas em si mesmas, pois seus significados estão inscritos em suas formas, seus usos, suas trajetórias. Somente pela análise destas trajetórias podemos interpretar as transações e os cálculos humanos que dão vida às coisas. (APPADURAI, 2008: 17).

No campo dos estudos da cultura material, as peças artesanais, sua forma, pintura, o material de que são feitas e por quem são realizadas, sendo objetos com representações físicas que carregam em si significados sociais e simbólicos, talvez não tragam em si uma sociedade e uma cultura inteira, mas boa parte delas. Assim, as peças artesanais devem ser compreendidas como um processo e não um resultado, localizadas historicamente e inseridas em relações sociais nas quais são significadas pelo homem e capazes de elucidar seu contexto humano e social através de seu movimento.

Falar sobre o artesanato requer muito mais do que descrições do desenho e das técnicas de produção; seu sentido só é atingido se o situarmos em relação com os textos que o predizem e o promovem [...], em conexão com as práticas sociais daqueles que o produzem e o vendem, observam-no ou o compram. [...]. (CANCLINI, 1983: 51).

O artesanato, elemento da cultura material, apresenta-se como uma complexa composição, abrangendo uma multiplicidade de fenômenos sociais que traduzem uma apropriação desigual, real e simbólica da história vivenciada e construída por um povo. Neste aspecto, sua definição no que tange à identidade e limites torna-se cada vez mais difícil na medida em que os produtos artesanais também sofrem modificações ao “se relacionarem com o mercado capitalista, o turismo, a ‘indústria cultural’ e com as ‘formas modernas’ de arte, comunicação e lazer.” (Idem, 1983: 51).

O Artesanato e o (a) Artesão (ã)

A clivagem entre a teoria e a prática, o artista e o artesão e, portanto, o trabalho intelectual e técnico é um legado histórico que marcam a sociedade pós-moderna. (SENNETT, 2012). A superioridade da teoria sobre a prática e a subsequente desvalorização do artesanato na civilização ocidental seria justificada pelo fato de que as ideias são mais duráveis do que os materiais. Contudo, para o autor, a formatação dos materiais não pode privar-se de ideias, sendo o projeto inseparável do desempenho, o que denota a inteligência das mãos. Neste sentido, seria possível afirmar que o fazer das mãos está inseparavelmente ligado ao pensamento e, assim, às construções sociais que também o determinam.

A consciência material adquirida pelo artesão na evolução da 'habilidade artesanal' caracteriza-se pela consciência de sua capacidade de mudar as coisas.

Neste sentido, cabe refletir acerca desta herança histórica que traçou linhas ideológicas divisórias entre a prática e a teoria, a técnica e a expressão, o artífice⁴ e artesão-artista, o produtor e o usuário, apenas para citar algumas que são mais pertinentes ao contexto de que tratamos, que estão presentes na cultura ocidental e que representam uma ruptura das habilidades. Em diferentes momentos da história ocidental, o labor prático foi menos valorizado e apartado de ocupações consideradas mais importantes. A habilidade técnica foi desvinculada da imaginação e da criatividade e o orgulho pelo trabalho bem feito considerado um atributo raro. Esta separação entre 'mão e cabeça' traduz esta dificuldade da civilização ocidental em reconhecer, estimular e valorizar o impulso da 'perícia artesanal'. (Idem, 2012).

4 O termo Artífice é adotado na versão brasileira como tradução de "craftsman", utilizado por Sennett na versão original em inglês de 2008 e indicada como "categoria mais abrangente que a do artesão, ele simboliza, em cada um de nós, o desejo de realizar bem um trabalho, concretamente, pelo prazer da coisa benfeita." (p. 164). Essa distinção "craftsman x artisan" não foi possível na versão francesa *Ce que sait la main* (2009), por razões linguísticas. No mesmo trecho, encontramos a frase: "Le craftsman, l'homme de l'art, est une catégorie plus inclusive que l'artisan" (p. 199). Na versão brasileira, entretanto, utiliza-se para denominar a parte 2, *Craft*, no original, o termo Artesanato e a parte 3 *Craftsmanship* o termo Habilidade Artesanal. Na francesa, os termos correspondem respectivamente a *Métier* (parte 2) e a *Artisanat* (parte 3). Isso indica as sutilezas conceituais, no que tangem suas utilizações na linguagem, ligadas às práticas em diferentes culturas, englobando as questões estéticas, artísticas, natureza econômica da produção e consumo etc.

A confecção de um bom trabalho vem a ser o principal fator de identidade de um artífice, na medida em que a habilidade artesanal designa um impulso humano básico e permanente que está na base do desejo de um trabalho bem feito por si mesmo.

A habilidade artesanal se apresenta com uma conotação mais abrangente que as atribuídas às habilidades manuais. Ela se coloca em todas as atividades da vida cotidiana como capacidade de sustentar um diálogo entre práticas concretas e ideias.

Segundo o autor, as pessoas podem aprender sobre si mesmas através das coisas que fazem na medida em que "as capacidades do nosso corpo para moldar coisas materiais são as mesmas a que recorreremos nas relações sociais":

[...] O ofício de produzir coisas materiais permite perceber melhor as técnicas de experiência que podem influenciar nosso trato com os outros. Tanto as dificuldades quanto as possibilidades de fazer bem as coisas se aplicam à gestão das relações humanas. Desafios materiais como enfrentar uma resistência ou gerir ambiguidades contribuem para o entendimento das resistências que as pessoas enfrentam na relação com as outras ou dos limites incertos entre as pessoas. (SENNETT, 2012: 322).

Artesanato, trabalho feminino e empoderamento

A própria compreensão dos fenômenos de gênero na perspectiva da cultura material se faz necessária neste campo de divisão ideológica, para além da dimensão biológica do processo de diferenciação sexual, é necessário considerar os aspectos culturais e sociais das relações entre os sexos, na medida em que é preciso entender as estruturas sociais numa perspectiva sexualizada. O mundo material viabiliza historicamente o entendimento do universo das práticas diárias, nas quais a experiência cotidiana é lugar onde moldam-se personalidades, disciplinam-se corpos, forma-se a percepção, geram-se sentimentos de familiaridade, os hábitos e os costumes. (CARVALHO, 2000-2001).

Cabe ainda considerar que, embora de maneira variável, todos os domínios da vida social fornecem um campo de observação das várias modalidades de relacionamento, as relações de gênero se expressam

socialmente e reproduzindo padrões que remontam às relações coloniais patriarcais. (DURAND, 2006). E as atividades ligadas ao artesanato, e mais especificamente ao pintar e modelar, não escapa à força das determinações sociais e culturais que pesam sobre a definição das competências (o que é de homem e o que é de mulher) – e, portanto, da autonomia e da liberdade – dos membros dessas duas categorias.

No que tange às relações sociais, o Brasil colônia foi marcado pelo patriarcalismo que se fez presente com a colonização europeia e que instalou a desigualdade entre os homens e as mulheres colocando em campos opostos o “discurso oficial subordinando a mulher às regras da sociedade androgênica e [...] as mulheres, que continuamente se engajaram na luta pela modificação dos seus papéis e poderes sociais, e do seu status público”. (LAGES, 2007: 15).

Os aspectos históricos acerca das mulheres em Minas Gerais sinalizam que a desigualdade que marcou a província mineira, a exemplo das demais que compunham a colônia, apresentou especificidades e teve nas mulheres seu maior foco. A história das mulheres mineiras necessita ser localizada na trajetória das Minas do século XVIII, chamado o século de ouro na história do Brasil. A capitania das Minas Gerais foi palco de um quadro incomum ditado pela disputa do ouro entre colonos e colonizadores, criando um cenário de tensões políticas e pressões da cultura dominante. Foi neste cenário que a presença das mulheres mineiras ganhou contornos específicos. A prática do pequeno comércio não era incomum entre as mulheres pobres, forras, negras, mulatas e escravas. A venda de alimentos, bebidas e pequenos utensílios era comum neste comércio ambulante realizado pelas mulheres, contudo, em Minas Gerais, significou um perigo para o comércio de ouro e diamantes, bem como para o controle dos escravos. “As mulheres congregavam em torno de si segmentos variados da população pobre mineira, muitas vezes prestando solidariedade a prática de desvio de ouro, contrabando, prostituição e articulação com os quilombos.” (FIGUEIREDO, 2006: 146). Assim:

De um lado, ao investigar essa história, descortina-se um universo de significativa participação das mulheres nas práticas sociais e na economia, ao contrário do que sempre pareceu constituir a submissão e

passividade, outrora marcas da presença feminina na história do Brasil. Por outro lado, ao revelar imagens opostas à tradição, as mulheres mineiras não diferem em termos significativos das mulheres na sociedade paulista ou no Rio de Janeiro, nas capitanias do Nordeste ou mesmo em Portugal. (Idem, 2006: 184)

As reflexões acerca das identidades produzidas no povoado e entre as artesãs consideram este cenário histórico e a cultura material local inseridos nas relações sociais sexualizadas decorrentes do sistema patriarcal.

Deste modo, a divisão sexual do trabalho e as conquistas que o ofício representa para as mulheres apresentam elementos históricos e ainda atuais marcados pelas relações hierárquicas homem/mulher “mas é preciso, sobretudo, compreender a relação *dominação/submissão* num sentido dinâmico, jamais rígido, antes dialético do que dicotômico”. (D’ÁVILA, 1994: 111). Todos estes elementos fazem parte ativamente das relações sociais estabelecidas no cotidiano, produzindo e sendo produzidas por relações de poder.

Para os moradores do povoado, o artesanato significa a possibilidade de acessar uma ferramenta de geração de renda, propiciando a melhoria da qualidade de vida, trazendo serviços públicos, turismo e gerando emprego para os moradores do local. Funcionando, ainda, como um elemento de inclusão social, na medida em que oferece a possibilidade de profissionalização no ofício de artesão. Promove ainda, o aumento da autoestima, na medida em que o artesanato produzido é valorizado e reconhecido como expressão da cultura local, pelos turistas e por diversos consumidores no país e no exterior.

Todos estes aspectos estão presentes e são facilmente observados no cotidiano do povoado e na fala dos moradores e turistas e em várias revistas e jornais.⁵ Contudo, um elemento que, neste cenário ainda cabe ressaltar, é justamente o papel da mulher neste processo. O trabalho feminino nesta trajetória parece ter sido o que apresentou maiores transformações no que tange às relações sociais e de poder, de acordo com o relato das mulheres entrevistadas.

5 O ‘Artesanato do Bichinho’, como é conhecido, já foi assunto de reportagens em jornais e revistas de arquitetura e decoração nacionais e internacionais. É uma referência quando o tema é desenvolvimento local sustentável, cultura tradicional, inclusão social e turismo.

Historicamente, ainda que restritas ao contexto familiar, as tarefas domésticas eram realizadas paralelamente a outras atividades ligadas diretamente à produção social. Com a industrialização houve uma ruptura, que separou a unidade doméstica da unidade de produção, proporcionando uma divisão sexual do trabalho mais rígida. Nessa divisão coube à mulher, principalmente, a realização das tarefas relativas à reprodução da força de trabalho na esfera privada do lar e sem remuneração, enquanto ao homem, coube o trabalho produtivo com remuneração.

A ideologia transformou essa rígida divisão sexual do trabalho em uma divisão “natural”, própria à biologia de cada sexo. Todo esse cenário ideológico favoreceu a existência de um sistema de gênero, onde a sociedade transforma a sexualidade biológica em categorias sexuais culturalmente definidas. (BRUSCHINI, et al, 2008).

A divisão sexual do trabalho pode ser definida como a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre sexos, ou ainda, um fator necessário para a sobrevivência da relação social entre os sexos.⁶

Esta forma particular da divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio da separação (há trabalho de homens e trabalho de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher). (HIRATA & KERGOAT, 2008: 266).

Neste aspecto as mulheres artesãs, foco de nossas observações, agregam ambos os princípios: o da separação e o hierárquico. Exercem cotidianamente atividades que trazem explicitamente a divisão sexual do trabalho. Seja como artesãs, sendo o artesanato um ofício fortemente marcado pela presença feminina; no espaço de trabalho, onde lhes cabe a finalização das peças (pintura, enfeites, modelagem e acabamento); nas funções domésticas (educação dos filhos e cuidados com a casa); ou ainda, na renda que resulta da produção do artesanato e que é referida como complemento do orçamento da família.

O cotidiano mantém, também na vida das mulheres artesãs observadas, o modelo tradicional de relações sociais de sexo, representando o acúmulo de tarefas, empregos precários e intermitentes, atividades

⁶ Essa parece ser a definição mais consensual acerca da divisão sexual do trabalho, segundo Hirata.

informais mal remuneradas, trabalho doméstico e cuidado dos filhos.

Foi possível analisar junto ao grupo de mulheres artesãs como vem se configurando no cotidiano doméstico esta reprodução das relações sociais de sexo quanto às incumbências essenciais do trabalho doméstico e da educação/criação dos filhos.

Este lugar, não apenas geográfico, mas histórico, apresenta um cenário que continua a nos convidar a refletir acerca do significado das ‘habilidades artesanais’⁷ como parte da ‘natureza feminina’ nesta repartição sexual das competências. Repartição que nada tem de recente⁸ e que compõe uma paisagem marcada fortemente pela questão de gênero, tendo a cultura material como instrumento. Nele, este grupo de mulheres desenvolve atividades na vida e no trabalho que agregam todos estes elementos.

Saber o que significa para estas mulheres ser artesã pode articular aspectos sobre a divisão sexual do trabalho no âmbito da cultura material e conseqüentemente lançar algumas luzes sobre estas teorias. Neste aspecto, e não desconsiderando os avanços, podemos ainda considerar que:

Efetivamente, a escassez de estudos específicos deve-se, sobretudo, à existência de preconceitos, que permanecem subjacentes ao pensamento (intelectual) brasileiro contemporâneo, e que impregnam os estudos psicossociológicos de um caráter ideológico deformador. A mulher permanece ainda como a grande ausente desses trabalhos. (D'ÁVILA, 1994: 33).

Stromquist (1997) considera que a definição de ‘empoderamento’ deve incluir aspectos que favoreçam a construção de mecanismos nos quais as mulheres se apropriam da sua história de vida e desenvolvam condições conscientes das suas habilidades e competências para produzir, criar e gerir.

O ‘empoderamento’ traz em si uma vivência, uma forma de estar no mundo onde a tomada de consciência

⁷ Richard Sennett designa a ‘habilidade artesanal’ (*craftsmanship*) como um ‘impulso humano básico e permanente, o desejo de um trabalho benfeito por si mesmo’. Abrangendo uma dimensão mais ampla do que os trabalhos derivados das habilidades manuais, pois é reflexo de um diálogo entre práticas concretas e ideais.

⁸ Na mitologia, a imagem feminina por excelência é a dupla figura da fiadeira e da tecelã, muitas vezes equiparada a uma aranha bastante ambígua. (DURAND, 2006).

das habilidades e competências gera ações que envolvem ‘produzir, criar e gerir’, e que estão fortemente presentes no processo que envolve o fazer artesanal (D’ÁVILA NETO & PIRES, 2001). A ‘habilidade artesanal’ quando praticada como uma atividade mais abrangente, na acepção de Sennett, é um fator para propiciar esse ‘empoderamento’ no sentido da cidadania em sua concepção contemporânea. O “‘conhecimento introjetado’ é uma expressão na moda nas ciências sociais, mas ‘pensar como um artífice’ é mais que um estado de espírito: representa uma aguda posição crítica na sociedade.” (SENNETT, 2012: 56). Assim, o trabalho artesanal sugere maneiras de utilizar as ferramentas, organizar movimentos corporais e pensar sobre os materiais que constituem propostas alternativas e viáveis sobre as possibilidades de levar a vida com habilidade. Tais habilidades se refletem na vida cotidiana e nas relações sociais, na medida em que, o ofício de produzir coisas materiais permite perceber melhor as técnicas de experiência que podem influenciar o trato com os outros, refletindo-se na gestão das relações humanas e sociais.

O trabalhador imbuído do ofício artesanal se envolve no trabalho em si mesmo e por si mesmo; as satisfações do trabalho são de per se uma recompensa; os detalhes do trabalho cotidiano são ligados, no espírito do trabalhador, ao produto final; o trabalhador pode controlar seus atos no trabalho; a habilidade se desenvolve no processo do trabalho; o trabalho está ligado à liberdade de experimentar; finalmente, a família, a comunidade e a política são avaliadas pelos padrões de satisfação interior, coerência e experimentação do trabalho artesanal. (MILLS, apud SENNETT, 2012: 37).

As artesãs, ao desenvolverem habilidades no fazer artesanal, podem criar aptidões que se apliquem à vida social, em que os aspectos e os parâmetros do ‘empoderamento’ estejam presentes.

A Pesquisa

A pesquisa que possibilitou acessar os elementos que embasaram nossas reflexões foi iniciada em 2012.

A construção de uma pesquisa com mulheres artesãs significou um desafio marcado pela indispensável

necessidade de articular o campo teórico-conceitual com o trabalho de campo. Este processo assemelha-se ao próprio fazer artesanal na perspectiva de superar a clivagem mão e cabeça. Neste aspecto a pesquisa qualitativa se configura como uma ferramenta valiosa, pois viabiliza a articulação da complexidade que está presente nas questões quando as relações sociais são o objeto. No sentido de viabilizar a coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas com sete artesãs originárias da região⁹. Foram abordadas questões acerca da infância, os primeiros contatos com o artesanato, o cotidiano como artesã e os planos para o futuro.

Ainda durante as entrevistas a coincidência de relatos que se fizeram presentes nas respostas chamou atenção e apontou os caminhos para a construção das categorias de análise. Esta sinalização se confirmou ao longo das transcrições das entrevistas e das inúmeras releituras, sendo, então, possível agrupar o conteúdo em três grandes categorias e subcategorias, considerando os trechos coincidentes das falas bem como referenciais teóricos.

- *O cotidiano da família de origem: cultura material e imaterial*
- *Mulher trabalhadora: táticas do Cotidiano*
- *Mulher artesã: Empoderamento:*
 - A consciência artesã*
 - Sonhos e planos*

O registro visual das entrevistas pode nos dar melhor dimensão do que ‘sabe a mão’¹⁰, observando as mensagens corporais, relevantes para a análise das categorias.

Tais procedimentos foram fundamentais para garantir a qualidade e fidelidade ao que foi relatado e analisar as imagens com o objetivo de perceber o que está além da mensagem visual¹¹, favorecendo uma cuidadosa descrição maciça de detalhes de todo o material colhido ao longo da permanência no campo, onde tudo, ou quase

⁹ A região definida refere-se aos municípios de Prados e Tiradentes – MG.

¹⁰ A associação mão cabeça com o conhecimento evidencia-se no título da obra na versão francesa, *Ce que sait la main*. (SENNETT, 2010).

¹¹ A este respeito ver JOLY, Martine (1999) *Introdução à análise da imagem*. SP. Ed. Papirus.

tudo, o que foi observado fez parte desta descrição. Numa tentativa de realizar um movimento que se caracteriza, segundo Becker (2007), como uma maneira de evitar, ou pelo menos tentar, não cair na armadilha das categorias de nosso jargão profissional, buscamos não filtrar por nossas ideias e teorias tal descrição. Este processo favoreceu a construção e revisão de categorias de análise num processo dialético. Um movimento marcado pela busca em articular conhecimento científico e empírico, numa práxis metodológica na qual as conexões as quais se refere Becker (2007) se fizeram presentes.

Assim, é um bom truque pensar sobre algum conjunto de atividades sociais como dotado desse caráter orgânico, procurando todas as conexões que contribuem para o resultado em que estamos interessados, vendo como eles se afetam mutuamente, cada um criando as condições para que os outros operem. (BECKER, 2007: 66).

Toda a bagagem teórico-metodológica, e também afetiva, esteve presente em todos os momentos da pesquisa. Sendo fundamental nos momentos de incertezas, imprevistos e improvisos, quando se faz necessário ter 'chão firme' sob os pés.

O lugar geográfico que abrigou nosso objeto, o povoado do Bichinho, teve por si um significado determinante no contorno da pesquisa. A cultura material local que se faz viva na lembrança das artesãs e que é uma marca da identidade cultural e afetiva delas se liga aos hábitos, costumes e táticas cotidianas atuais. A presença do artesanato¹² na infância, convivendo com o trabalho na roça,¹³ marcou a história das artesãs pesquisadas e se faz presente ainda hoje as rotinas vividas naquele período, no qual a divisão sexual do trabalho marcou o cotidiano e ainda marca. Contudo, o desenvolvimento do ofício de artesã trouxe novas perspectivas de vida e as consequências destas perspectivas se apresentam no cotidiano delas. A diversidade de técnicas e a possibilidade de criar parece se traduzir na aquisição de habilidades que vão além da peça que produzem. Traduz-se nas táticas cotidianas de enfrentar criativamente e habilmente as relações de poder impostas pela, ainda presente, divisão sexual do trabalho.

12 O crochê era aprendido e produzido pelas meninas desde cedo, tornando-se também muito cedo fonte de renda.

13 O trabalho na roça era uma atividade que envolvia toda a família.

Ainda que reproduzindo histórias vividas na infância, as relações parecem estar sendo construídas a partir de outro sujeito. Um indivíduo 'empoderado' chamado Artesã.

A mulher artesã, objeto de nossa pesquisa, foi, assim, contextualizada neste cenário histórico em que foram consideradas as relações sociais sexualizadas decorrentes do sistema patriarcal, a cultura material local, a manutenção da divisão sexual do trabalho e as conquistas que o ofício representou para elas. Todos estes elementos fazem parte ativamente das relações sociais estabelecidas no cotidiano, produzindo e sendo produzidas por relações de poder.

Revisitando a temática do artesanato e a sua trajetória que se confunde com a própria história da humanidade e sua inserção na cultura material, revisitamos, também, as lembranças que se mostraram nos relatos das entrevistadas.

Desde muito cedo, as artesãs entrevistadas estiveram às voltas com o trabalho na roça (apenas uma delas não trabalhou na roça), com os afazeres domésticos, a invenção de brinquedos e brincadeiras e com o crochê (duas entrevistadas não aprenderam crochê na infância). Para todas elas as relações estabelecidas neste período foram fortemente marcadas pela divisão sexual do trabalho, no qual homens e mulheres, meninas e meninos possuíam lugares e papéis bem definidos quanto ao que é atribuição masculina e o que é atribuição feminina, apenas o trabalho na roça envolvia toda a família. Já o trabalho doméstico era exclusivo das mulheres. Estas vivências mostram-se determinantes nas características das relações sociais estabelecidas atualmente.

Ao observar o cotidiano durante as visitas ao povoado, foi possível identificar elementos que o compõem e caracterizam, tornando-o, possivelmente, um campo de exercício de táticas de resistência. (CERTEAU, 1994). A cultura local, através dos objetos e hábitos, associa tempos diferentes: fogão à lenha e micro-ondas; carroça e motocicleta, visita de comadres para o café da tarde e *internet*, por exemplo. Os objetos artesanais agregam atualmente técnicas e materiais (pintura, modelagem e madeira) e temas tradicionais (religiosos, imagens de animais domésticos e frutas) na sua elaboração. Manifestam a dualidade arte e artesanato, artista e artesão. São produzidos em um sistema de divisão de trabalho marcado pela atribuição de tarefas por gênero que remete

a tradição patriarcal e que tem na mulher seu principal ator na caracterização deste ofício e na finalização do artefato artesanal.

Elas aprenderam o ofício na infância, quando aprenderam a técnica do crochê, ainda sem defini-lo como meio de sobrevivência. Uma atividade que apenas as meninas aprendiam. O que pode confirmar, e talvez justificar, o fato das estatísticas mostrarem que os ‘artesãos brasileiros’ são em 87% ‘artesãs brasileiras’. Um ofício majoritariamente feminino. Nos relatos apresentados nas entrevistas apenas duas tornaram-se artesãs já na fase adulta, por contingência e conveniência, visando à criação dos filhos e a necessidade de trabalhar em casa para cuidar deles.

A sobrecarga que está presente no cotidiano, tendo em vista o trabalho como artesã e as atividades que envolvem a casa e os filhos e exige, também, habilidade e criatividade para que seja contornada e que ‘tudo’ seja feito. Novamente surge a questão da divisão sexual do trabalho e que é tratada por todas as entrevistadas com naturalidade, a mesma que ‘aprenderam’ através da vivência na infância. Neste momento emergem as táticas cotidianas criando rotinas nas quais a filha adolescente substitui a possível ‘ajuda’ masculina e as tarefas domésticas são deslocadas para serem realizadas quando a mulher está em casa, no que seria seu dia de descanso.

É neste contexto que se configuram as características da mulher artesã com as quais nos deparamos em nossa pesquisa. E assim se constituíram devido a questões de contingência ou não, porém, a possibilidade de sobreviver do ofício de artesã, uma decorrência do aumento do turismo no povoado¹⁴, representou, e ainda representa, a possibilidade de acessar condições econômicas que permitem construir sonhos e elaborar planos para o futuro. O ‘empoderamento’ que se evidenciou nas entrevistas está intimamente relacionado com o componente de conquista econômica que o ofício vem possibilitando. Com exceção de uma, que deixou de exercer o ofício e se declara acomodada, todas expressam grande orgulho e satisfação com o exercício do ofício. As duas artesãs que assumiram o ofício por contingência apresentam-se surpresas, ainda hoje, com as peças que produzem e falam da superação que significou o aprendizado das técnicas que desenvolvem. Todas as

¹⁴ Sobre esta temática, ver Fontes (2006).

outras artesãs entrevistadas, ainda que familiarizadas com o ofício desde a infância ou juventude, apresentam sentimento de satisfação e prazer com a possibilidade de criar que isto proporciona. Em maior ou menor grau, todas exercem o ofício com clareza de que é sua profissão. Tal consciência não está, aparentemente, ligada a outros dois aspectos do ‘empoderamento’, o político e o cognitivo. (STROMQUIST, 1997). O primeiro referente às questões que apontem para o aspecto político relacionado à justiça social que permeia ainda a precariedade do ofício e o segundo as questões que envolvem a manutenção do modelo tradicional da divisão sexual do trabalho.

No cotidiano atual das entrevistadas a divisão sexual do trabalho se faz presente e reflete fortemente as vivências da infância, no qual os papéis sexuais refletiam o peso das relações sociais, das práticas sociais e das normas sociais dominantes. Muita coisa mudou na vida delas, principalmente no que se refere à identidade que o ofício de artesã lhes atribui, contudo, mantém-se a tradicional divisão sexual do trabalho, ‘o que é do homem e o que é da mulher’, agravada pela sobrecarga que o cotidiano de mulher trabalhadora traz.

Este cotidiano desafia a criatividade e evidencia as táticas que elas constroem como uma arte: ‘a arte de fraco’, segundo Certeau (1994). Neste ‘campo de batalha’, a astúcia é o recurso utilizado para enfrentar as situações desiguais estabelecidas historicamente, elas utilizam estratégias para desfazer o jogo de dominação de maneira sutil, através de práticas cotidianas que viabilizam sua independência e poder.

As dificuldades são muitas, a questão econômica, ainda que melhor do que em um passado recente, está distante de ser suficiente e considerada satisfatória, as moradias em sua maioria são precárias e a vida é difícil. Os sonhos ainda são muitos e devem ser bem planejados para caber no pequeno orçamento. As marcas de uma história de privações e de trabalho desde muito cedo, quando ainda não se deveria trabalhar, e de brinquedos inventados estão presentes nas relações que são estabelecidas no presente.

Através dos relatos contidos nas entrevistas as artesãs mostraram um pouco como se vêm neste lugar e neste ofício, como trabalhadoras e como mulheres, ao mesmo tempo em que trouxeram as impressões de um contexto histórico e cultural que se expressa diariamente nas relações que estabelecem. Este olhar nos traduziu

articuladamente, ou nem tanto, a expressão cotidiana de um ofício que se estabeleceu como uma contingência ou como uma escolha e que vem contribuindo para a transformação da realidade destas mulheres na produção de vida numa perspectiva de ‘empoderamento’.

Algumas Conclusões

A temática mulher artesã está apoiada em outras duas temáticas: artesanato e gênero, ambas complexas. Este ‘casamento’ entre estas temáticas viabilizou reflexões e aqui apresentamos algumas conclusões as quais tais reflexões nos conduziram.

O artesanato se configura como um elemento da cultura material e pode ser encontrado em praticamente todas as culturas ao redor do mundo. Faz parte da história do homem (e da mulher) desde os primórdios na feitura de objetos de uso e decoração e, assim, é capaz de contar e explicar a própria história da humanidade. Apresenta um potencial criativo que, tornando-se uma ‘habilidade artesanal’, pode constituir propostas alternativas e viáveis sobre possibilidades de viver com habilidade. E um cotidiano vivido com habilidade pode representar o êxito das táticas de resistência tão necessário para superar regimes opressivos e desiguais. É, ainda, reconhecido como um ofício feminino, uma abordagem que está relacionada à questão da divisão sexual do trabalho decorrente das relações sociais entre os sexos estabelecidas historicamente. Movimenta a economia gerando empregos diretos e indiretos, incrementa o turismo e o comércio. Finalmente, pode agregar aspectos como desenvolvimento cognitivo, psicológico, político e econômico, tão determinantes para o ‘empoderamento’ individual e coletivo. Foi a partir destas considerações que observamos nosso campo e desenvolvemos nossa pesquisa.

Foi o *cotidiano das famílias de origem* que evidenciou a cultura material e imaterial do povoado e compôs o cenário no qual viveram a infância permeada não apenas de dificuldades financeiras, mas por objetos e brincadeiras que deram os primeiros contornos à criatividade. Seja na confecção de brinquedos ou na criação de táticas cotidianas para superar a dureza da rotina de trabalho.

Este *cotidiano* se fez presente nos relatos das

nossas entrevistadas. *Mulheres trabalhadoras* que trazem em seu cotidiano as marcas das relações sociais sexuais tradicionais e vivem a sobrecarga de ser a responsável principal pelo trabalho doméstico e pelos cuidados com os filhos. Adotaram um ofício, que marca e é marcado pela necessidade de criar. Nele é permanente o desafio à capacidade de inventar maneiras de inovar, seja no cotidiano sobrecarregado, seja nas cores, na forma, nos materiais, nas texturas e nas táticas de continuar descobrindo formas de resistir à acomodação. Nesta trajetória, a mulher trabalhadora de nossa pesquisa se torna a *mulher artesã*, configurando o ‘casamento’ entre gênero e artesanato e que nos indicou aspectos importantes do ‘empoderamento’ como o desenvolvimento do componente psicológico, responsável pela qualidade do desenvolvimento de sentimentos como autoconfiança e autoestima vem se apoiando no componente econômico que o ofício favorece. (STROMQUIST, 1997). No caso das artesãs entrevistadas, outro aspecto se faz presente e parece ser ainda mais determinante no fortalecimento do componente psicológico, trata-se do orgulho do trabalho que desenvolvem, no qual reconhecemos a *consciência artesã*. (SENNETT, 2012). O fortalecimento individual e a consciência profissional significam um enorme avanço e favorecem a construção de *sonhos e planos* futuros.

Neste aspecto, foi possível observar que as expectativas de um futuro melhor para si mesmas e para a própria família estão calcadas em projetos consistentes baseados em planejamento econômico que almeja escolaridade para os filhos e aquisição de objetos e melhorias nas moradias.

Assim, consideramos que é possível afirmar que as mulheres artesãs do povoado do Bichinho são um exemplo da habilidade artesanal aplicada aos diversos aspectos da vida, no qual “um impulso humano básico e permanente, o desejo de um trabalho bem feito por si mesmo” (SENNETT, 2012: 19) favorece uma construção permanente de práticas cotidianas ou artes de fazer, que desafiam o jogo da subordinação. (CERTEAU, 1994).

Tive que recorrer, queiram me compreender, sempre mais a pequenos prazeres, quase invisíveis, substitutos... Vocês não fazem ideia como, com esses detalhes, alguém se torna imenso, é incrível como se cresce. (GOMBROWICZ apud CERTEAU, 1994: 53)

Referências Bibliográficas

- APPADURAI, Arjun. (2008). *A Vida Social das Coisas*. Niterói: EdUFF.
- BRUSCHINI, Cristina et al. (2008). “Mercado de trabalho e gênero; comparações internacionais”. In: COSTA, et al. *Mercado de trabalho e gênero; comparações internacionais*. Rio de Janeiro: Editora FGV, pp. 14-33.
- CANCLINI, Nestor García. (1983). *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo, São Paulo, Brasil: Brasiliense.
- CARVALHO, José Jorge De. (julho de 2001). *O olhar etnográfico e a voz subalterna*. Disponível em <http://www.scielo.br.ez29.periodicos.capes.gov.br/pdf/ha/v7n15/v7n15a05.pdf>. Acesso em: 15 Jan. 2013.
- CARVALHO, Vania Carneiro. (2000-2001). “Museu Paulista da USP”. Disponível em *Anais do Museu Paulista*. Disponível em: <http://www.scielo.br.ez29.periodicos.capes.gov.br/pdf/anaismp/v8-9n1/09.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2013.
- CERTEAU, Michel de. (1994). *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil: Editora Vozes.
- D’ÁVILA, Maria Inácia. (1994). *O autoritarismo e a mulher: o jogo da dominação macho-fêmea no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Artes e Contos.
- _____ & PIRES, Cintia. (2001). “Empowerment or powersharing? Considerations on the project of gender equity in Brazil”. In: KEARNEY, Mary-Louise. (Org.). *Women, Power and the Academy-From Rethoric to Reality*. 1ªed. New York: Berghahn Books and UNESCO Publishing, v. 1, pp. 52-59.
- DURAND, Jean-Yves. (2006). *Bordar: masculino, feminino*. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5480/3/BORDAR.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2013.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. (2010). Cartografia dos estudos culturais: uma versão latino-americana. *Estudos Culturais*. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil: Autêntica Editora.
- FIGUEIREDO, Luciano. (2006). “Mulheres nas Minas Gerais”. In: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, pp. 141-188.
- FONTES, Sheila Rachid. (Agosto de 2006). *Turismo e artesanato: o caso do artesanato do Bichinho*. Disponível em: <http://www.mestradoemtm.com.br/wp-content/uploads/2010/06/TURISMO-E-ARTESANATO-O-CASO-DO-ARTESANATO-DO-BICHINHO.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2012.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). (2004-2007). *IBGE*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=980>. Acesso em: 14 fev.13.
- HIRATA, Helena. (set./dez. de 2007). “Novas configurações de divisão sexual do trabalho”. *Cadernos de Pesquisa* [0100-1574] vol: 37. n. 132, pp. 595-609.
- HIRATA, Helena & KERGOAT, Daniele. (2008). “Divisão sexual do trabalho profissional e doméstico: Brasil, França, Japão”. In: COSTA, A. et al. *Mercado de trabalho e Gênero: comparações internacionais*. Rio de Janeiro: FGV, pp. 263-278.
- JOLY, Martine. (1999). *Introdução à Análise da Imagem*. Campinas - SP: Papyrus Editora.
- LAGES, Sônia Regina Corrêa. (2007). *Mulheres na encruzilhada: encontros e desencontros no discurso de mulheres possuídas pela entidade da Pomba-Gira Cigana na Umbanda*. Tese de Doutorado- UFRJ. IP. Programa Eicos. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE PRADOS - MG. (2007). *PREFEITURA MUNICIPAL DE PRADOS SECRATERIA DE TURISMO E CULTURA*. Disponível em: <http://prados.mg.gov.br>. Acesso em: 24 jan.2013.

SARTI, Cíntia. (2003). *Vida en familia: casa, comida y vestido en la Europa moderna*. Barcelona: Crítica.

SENNETT, Richard. (2008). *Craftsman*. First published in de United States of America by Yale University. Penguin Books.

_____. (2010). *Ce que sait la main: La culture de l'artisanat*. Editions Albin Michel.

_____. (2012). *O Artífice*. Rio de Janeiro: Editora Record.

STROMQUIST, Nelly. (1997). "La búsqueda Del empoderamiento: en qué puede contribuir el campo de la esducación". In: LEÓN, Magdalena. *Poder y empoderamiento de las mujeres*. Bogotá: MT Editores, pp. 75-95.